

UMA HISTÓRIA DE PERDAS

Eleanor Drolshagen

O caso que relatarei a seguir ilustra a importância de que seja reservado, mesmo nos assim chamados hospitais gerais, o que chamamos de um lugar de acolhimento do sujeito, onde não haja nenhum remédio, nenhum médico, nenhuma maca ou qualquer outro instrumento, apenas a fala. Pois “tomar a palavra é penhorar o ser na moeda da voz” (Pollo, 1997: 316). Sem a penhora da fala, esta hipoteca do desejo, o sujeito permanece condenado à compulsão à repetição, tão bem assinalada por Freud e por todo aquele que se dedique à psicanálise.

Ana tem 34 anos e foi encaminhada ao serviço de psicologia do hospital em que trabalho quatro meses após a morte de sua filha prematura, que nasceu com cinco meses e teve sobrevivência de apenas um mês. Chamava-se Vitória.

Tratava-se de sua quarta tentativa fracassada de ter um filho: a primeira fora uma gravidez com perda fetal em menos de um mês; a segunda, o parto prematuro de um natimorto no quinto mês de gestação; a terceira, uma perda fetal com dois meses de gestação; esta última, novamente no quinto mês.

Ana relata que soube da gravidez de Vitória antes mesmo do atraso menstrual. Seu marido, Denis, tem um pequeno laboratório de análises clínicas onde ela dosou o BHCG, hormônio que permite o diagnóstico de gravidez da forma mais segura e mais precoce possível. Alguma coisa, que ela denominou de “uma intuição”, a fez fazer o teste. No entanto, quando estava no quinto mês de gestação, houve trombose da placenta e o parto de Vitória teve que ser antecipado. (A trombose placentária significa que os vasos sanguíneos da placenta foram ocluídos por trombos, geralmente ocasionando o descolamento do útero).

Ana relata que teve alta sozinha, deixando a filha internada, motivo pelo qual ela estava sempre esperando o telefonema que lhe traria a notícia de sua morte. Durante o mês de sobrevivência de Vitória, ela nunca teve a sensação de que aquela era sua filha. “Nunca senti que ela era minha”, dizia Ana. Mas ela só conseguia referir sua sensação à concretude da experiência: mencionava insistentemente a visão da filha prematura no respirador, de olhos cobertos para que o oxigênio não os danificasse, assim como a impossibilidade momentânea de segurá-la em seus braços e amamentá-la.

Ana é a mais velha de quatro irmãos. Foi seguida por dois irmãos e sua única irmã nasceu quando já era adolescente. Ela se lembra de que estava sempre rezando para ganhar uma irmã, pois seus dois irmãos tinham idades muito próximas e eram muito unidos. Sentia-se muito só e acreditava que uma irmã lhe faria companhia.

Ana inicia a segunda sessão dizendo-se deprimida porque, em breve, seria o aniversário de Vitória. Chora e fala novamente de sua culpa e de sua incompetência para levar uma gestação a termo. Em seguida, fica algum tempo calada.

O que se teria calado em Ana? Esta foi a pergunta que me fiz, até Ana se lembrar da ocasião em que implorou à mãe para deixá-la levar a irmã para a casa de uma tia que morava perto. No meio do caminho, a irmã, que ainda era um bebê, caiu de seu colo. Sentiu-se aterrorizada e voltou para casa chorando, foi imediatamente contar à mãe o que havia acontecido.

Porém a angústia a leva a expressar o medo de ficar igual ao pai. Este, segundo ela, é um sujeito paranóico que não anda nem mesmo de ônibus. Em seguida, Ana relata outra importante causa de sua angústia: sua primeira perda fetal, que a levou, inclusive, a largar o emprego. Algum tempo depois, foi fazer uma entrevista de emprego. Colocou um terninho e, segundo suas palavras, estava “muito bem arrumada”. Porém, como a entrevista era na fábrica, ela saltou do ônibus em local próximo e foi andando. Nesse

ínterim, dois homens de terno passaram em uma moto, depois voltaram e um deles saltou e roubou sua bolsa com todos os documentos. Após esse incidente ela passa a ter medo de andar de ônibus. Jovens vestidos de funkeiros são os tipos que mais a assustam.

Embora já houvesse anteriormente relatado essa dificuldade, Ana não havia mencionado até então, que, depois do evento do assalto, ela passou “a andar largada, sem se arrumar”. Saía com as roupas mais velhas e chegava a não pintar os cabelos e as unhas. Contudo, nesse dia, ela estava bem vestida e com brincos que se destacavam. O significante “largada” tinha, portanto, diferentes significados. A certa altura, pergunto se estava deprimida e ela nega, dizendo que era o medo de ser novamente assaltada. Ainda nessa mesma sessão, Ana comenta que sua mãe não era vaidosa e que ela era muito cuidadosa com os filhos.

Ana lembra também da ocasião em que trabalhava no laboratório do marido e duas clínicas deviam muito dinheiro ao laboratório. Certo dia, ela foi fazer alguma coisa na rua e, na volta, percebe três homens parados na calçada olhando na direção do laboratório. Em vez de telefonar, ela entrou correndo e foi avisar ao marido, que já havia percebido a situação estranha. Os dois, ela e o marido, ficaram escondidos até os homens irem embora. Logo depois, ela teve uma perda fetal muito com cinco meses de gestação, segundo ela um aborto espontâneo.

Nesse momento, Ana indaga se acontecimentos do dia a dia podem influir no desenvolvimento da gravidez. Relata outro evento. Em sua última gestação, seus pais iriam viajar para Minas e seu marido sugeriu que eles fossem juntos. Na volta, o carro quebrou. Por isso, foram obrigados a viajar na serra durante a noite e debaixo de uma chuva torrencial. Era quase impossível enxergar e Ana diz que a impressão era de que iriam cair em um barranco a qualquer momento. Porém, paradoxalmente, ela diz

também que não ficou nervosa em nenhum momento, ao contrário, orientou seu pai o tempo todo. Mas, quando finalmente chegaram em casa, seu marido chorava e dizia temer que alguma coisa acontecesse a sua filha ainda no ventre. Pouco depois, a gestação teve que ser interrompida.

Ana diz que não teme de modo algum a gravidez, mas que morre de medo de perder novamente um filho.

No dia dos pais, Ana comenta que o marido não havia comprado nada para o pai dele e que, sem combinarem, todos seus irmãos haviam feito a mesma coisa. A mãe ficou nervosa e o marido de Ana começou a procurar algo na internet. Em suas palavras, seu pai não foi um bom pai, mas nunca deixou faltar nada em casa. Em contrapartida, embora o pai de Denis, seu marido, que ganhasse bem, a mãe era obrigada a catar lixo na Ceasa para a família comer. Denis e uma irmã costumavam acompanhar a mãe.

O pai do marido era alcoólatra e a mãe costumava procurá-lo, andando de madrugada pelos bares, e levando consigo os filhos. Ele não voltava para casa e as crianças não dormiam. Mas esta seria a primeira vez que o marido não presentearia o pai no dia dos pais. Então, ela teve pena e ele não resistiu.

A mãe de Ana ficou órfã muito cedo e seu pai foi para São Paulo trabalhar. Os filhos ficaram todos no Rio. Sua mãe era muito pequena. Passaram muitas dificuldades, inclusive fome, até que uma de suas irmãs se casou e levou a mãe para viver com ela. Sua mãe, ainda nova, começou a namorar e engravidou. Porém foi empurrada pela cunhada e perdeu seu primeiro filho.

Na adolescência, Ana teve uma relação com um professor, até descobrir que ela era casado. Um pouco depois, conheceu Denis, seu marido. Naquela ocasião, ele era vizinho de Teresa, uma mulher considerada por todos como prostituta. Teresa teve um

filho, que inicialmente foi registrado somente com o nome da mãe. Algum tempo depois, antes de conhecer Ana, Denis registrou José como seu filho.

A família de José invade muito a privacidade do casal e ficou muito contrariada com o casamento de Denis com Ana. Para esta, as gestações do casal são sempre muito ameaçadoras para a família de Teresa, pois José deixaria de ser o único herdeiro de Denis. Este dado é importante, uma vez que, ao falar de sua última perda, Ana diz que deu “a vitória à família de José.”

Na tentativa de se afastar dessa família, o casal chegou a mudar de residência. Nas palavras de Ana, a atenção que o marido dedica a José sempre diminui, quando ela engravida. Recentemente, pediu-lhe que dissesse ao menino que não era seu verdadeiro pai, mas que o tinha perfilhado.

Na última sessão, surgiu um conteúdo hostil em relação à irmã, quando Ana falava do medo de andar de ônibus. Havia uma festa na escola em que é professora, a irmã quis ir, mas Ana não a levou, alegando que ela poderia ser raptada.

Com trinta e quatro anos, Ana trabalha atualmente como professora. Neste ano, retomou o curso superior de Pedagogia que havia interrompido e, apesar dos medos de andar de ônibus e de ser assaltada, estuda à noite e longe de casa. Nesse momento, começa a questionar o marido. Primeiramente, em relação ao registro de José, com quem diz ter uma boa relação. Todavia, ela se queixa da interferência deste na vida do casal. Considera-o “presente demais”. Ela considera haver aí um sintoma do marido: chamou a sogra e a cunhada para viajarem de férias com eles. O ato do marido a estava incomodando, mas ela não conseguiu barrá-lo.

Ainda segundo Ana, a médica hematologista que a acompanha está cobrando a próxima gestação, mas ela começa a questionar se é capaz de passar por mais uma perda. A viagem de férias lhe trouxe novas questões, ela começa a interrogar sua relação

com Denis. E já não sabe se deseja engravidar, pois correria o risco de ter de interromper novamente seus estudos.

A investigação médica a que Ana foi submetida não encontrou uma causa orgânica específica que justificasse suas perdas fetais. Quando ocorre uma perda fetal ou um parto prematuro, as palavras desaparecem e o sujeito é remetido ao desamparo fundamental do ser humano, como descrito por Freud, desde 1895, em “O Projeto”: desamparo psíquico que é símile do desamparo orgânico do recém-nascido.

Impotente diante de seu próprio corpo e de seu companheiro, Ana sente muita culpa. O narcisismo tão alimentado durante a gestação sofre rude golpe, muitas vezes abrindo caminho para o supereu trazer à cena suas implacáveis cobranças. A perda do filho deixa órfã a fantasia, mas a realidade parece cheia de sinais do filho que se foi.

Quando acoplamos a história de Ana à de sua mãe, chama a atenção de imediato a série de quedas, isto é, de corpos que caem e de gestações que se interrompem. Em relação à queda de Diana, irmã mais nova de Ana, esta parece reclamar a falta de reprimenda da mãe. Como mencionamos anteriormente, o significante “largada” se repete incessantemente nas cadeias subjetivas de Ana, assim como o significante “raptada”.

Vale lembrar que Ana não levava Diana de ônibus à escola, por medo desta ser raptada. E os filhos de Ana são igualmente raptados. Ela não consegue conservá-los dentro de si como falo o tempo necessário. É Teresa quem tem o falo/filho e que afasta Denis dela, assim como seus irmãos também se afastavam.

Como bem coloca Freud em “A Sexualidade Feminina”, de 1931, o amor do pai é herdeiro do amor à mãe. E o amor dos homens, quando existe, é um derivativo do amor ao pai. Ana receia perder o amor de Denis e rivaliza com José. Ela foi assaltada,

levaram seus documentos. Passou a andar mal vestida, sem se cuidar. Os homens roubaram seus documentos, ela não consegue levar a termo uma gestação. Os companheiros que escolheu têm mulheres ao seu lado: o primeiro namorado era casado, Denis perfilhou José, filho de Teresa.

Ana começa a se interrogar se realmente quer um filho e as ambições de seu marido. A escola onde trabalha a convidou para ser orientadora pedagógica, mesmo não tendo ainda o diploma. Ana pede para interromper temporariamente o tratamento.

E o presente texto também se interrompe em uma observação de Lacan acerca do Édipo feminino: “...a realidade da devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai – o que não combina com ele ser segundo, nessa devastação.” (Lacan, 1972/2003: 465).

BIBLIOGRAFIA

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica In: **Obras Completas**. Biblioteca Nueva Madrid, 1968, vol. 3.

_____. O Eu e o Isso. In: **Obras Completas**. Biblioteca Nueva Madrid, 1968. vol. 2.

_____. A Sexualidade Feminina. **Obras Completas**. Biblioteca Nueva Madrid, 1968. vol. 3.

LACAN, Jacques. “O Aturdido” In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

POLLO, Vera. “Sublimação e voz” In: Carneiro Ribeiro, M. A. & Barros da Motta, M. (orgs.) *Os destinos da pulsão: sintoma e sublimação*. Kalimeros – Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1997.